

SESSENTA ANOS DA BIBLIOTECA OSCAR SARAIVA*

NILSON VITAL NAVES

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

Criada em 28 de junho de 1948, para atender ao Tribunal Federal de Recursos, então sediado no Rio de Janeiro, em 1972, ela recebeu o nome de Biblioteca Ministro Oscar Saraiva em homenagem ao magistrado que se distinguiu pela relevante atuação na reestruturação da Justiça Federal, a quem devemos também a construção da sede do Federal de Recursos nesta capital.

Herdada pelo Superior Tribunal de Justiça em 1989, possui hoje um acervo de quase 160 mil volumes, aí incluídas 1.700 obras raras: obras de ontem, de hoje, obras de caráter perene e, por isso, de cunho e valor inesquecíveis e inestimáveis. Aqui, entendo, podemos resgatar mais da história do nosso Direito: já se disse que o conhecimento de uma legislação depende do bom conhecimento de sua história. Também já se disse, e se disse muito bem, que os livros antigos nos falam da sabedoria; citá-los, foi dito ainda, é continuar uma conversa do passado e dar contexto ao presente.

Dos numerosos trabalhos desenvolvidos na nova fase da Biblioteca, destaco iniciativas que têm permitido a informatização das atividades, a democratização da informação jurídica e acessibilidade, bem como a inclusão informacional.

No seu sexagésimo aniversário, ela homenageia o meio ambiente. Lembrança mais que justa, pois, há séculos, as árvores fornecem a principal matéria-prima dos livros – veículos fundamentais na armazenagem e propagação do conhecimento humano.

* Palavras proferidas por ocasião da solenidade de comemoração dos sessenta anos da Biblioteca, Brasília, 26.6.08.

Para marcar este aniversário, a Biblioteca inaugura hoje projeto que reunirá, num único sítio, periódicos eletrônicos nacionais e estrangeiros; também lança edição comemorativa com artigos dos Ministros do Tribunal sobre Direito Ambiental, bem como a primeira coleção em braille, doada pela Universidade Federal de Alagoas e pelo Senado Federal.

Sem dúvida, se marcantes as iniciativas que ora comemoramos, marcante também a história pela construção de um acervo ao longo dos últimos sessenta anos. Um bom amigo me disse certa feita que só se perpetua aquilo que se imprimiu; sim, “livros não são coisas totalmente mortas, mas guardam em si uma força vital que os faz tão vivos como a alma que os deu à luz; preservam (...) a mais pura essência do intelecto que os criou”.

Solenidade como esta reacende o encanto do livro, sua magia e seu fascínio. O livro, acerca do qual grandes homens disseram: “somos o que lemos” (Alberto Manguel); “o mundo é um livro” (frei Luís de Granada, século XVI); “dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro... extensão da memória e da inteligência” (Jorge Luís Borges); “creio nos livros e adoro-os” (Machado de Assis); “a leitura é a mais civilizada das paixões... sua história é uma celebração da alegria e da liberdade” (Manguel).

O certo é que o livro sempre foi apaixonante, a ponto de um leitor voraz e ciumento, um grão-vizir da Pérsia, carregar sua biblioteca quando viajava, acomodando-a em quatrocentos camelos treinados para andar em ordem alfabética. Ora, o livro, dúvidas não há, perpetuou-se: seja do papiro ao pergaminho, seja do manuscrito ao impresso e ao virtual. Enfim, eis o poder da biblioteca, aquele lugar da memória nacional, do diálogo com o passado, lugar de criação e inovação.

Como se vê, a Biblioteca Ministro Oscar Saraiva, na sua missão de preservar o conhecimento, tem-se identificado com a visão do

Tribunal não só no que concerne à modernização e busca da excelência, mas também no que toca à inclusão social e à efetivação da cidadania.